

CONTRIBUIÇÕES DE FRIEDRICH ENGELS NO ESTUDO DA POLARIZAÇÃO DE MANCHESTER NOS OITOCENTOS

CONTRIBUTIONS BY FRIEDRICH ENGELS TO THE STUDY OF THE POLARIZATION OF MANCHESTER IN THE EIGHTHUNDERS

Rodrigo Janoni Carvalho¹

RESUMO

O processo de industrialização, indiscutivelmente, é o motor das transformações na sociedade moderna. O desenvolvimento do núcleo central das cidades relaciona-se intimamente ao advento da Revolução Industrial e ao próprio desenvolvimento do capitalismo, do comércio e dos transportes. Os processos espaciais de centralização e invasão-sucessão são determinantes na configuração da estrutura urbana das cidades industriais ocidentais, na medida em que o centro se destaca pelo papel desempenhado nas relações interurbanas e inter-regionais. Verifica-se que a concentração de atividades constituiu uma localização ótima e racional na maximização dos lucros e interesses do capital. A partir das análises de Friedrich Engels acerca da realidade urbana da cidade de Manchester, considerada o “coração” da revolução e o modelo clássico da moderna cidade industrial, buscamos apresentar características intrínsecas na relação entre a industrialização e a gênese da área central. A problemática abarca a coexistência da miséria humana e a opulência material, a partir da reflexão de trabalhos de cunho científico, bem como produções estéticas do período em questão, indicadores da atmosfera pesada e contraditória constituinte da sociedade urbana e industrial.

Palavras-chave: Industrialização. Urbanização. Friedrich Engels.

ABSTRACT

The industrialization process is undoubtedly the engine of transformations in the modern society. The development of the central core of the cities is closely related to the advent of the Industrial Revolution and the development of capitalism, commerce and transport. The spatial processes of centralization and invasion-succession are determinant in the configuration of the urban structure of western industrial cities, as the center stands out for its role in interurban and interregional relations. It appears that the concentration of activities constituted an optimal and rational location in maximizing profits and capital interests. Based on Friedrich Engels' analysis of the urban reality of the city of Manchester, considered the “heart” of the revolution and the classic model of the modern industrial city, we seek to present intrinsic characteristics in the relationship between industrialization and the genesis of the central area. The issue encompasses the coexistence of human misery and material opulence, from the reflection of scientific works, as well as aesthetic productions from the period in question, that indicate the heavy and contradictory atmosphere constituent of the urban and industrial society.

Keywords: Industrialization. Urbanization. Friedrich Engels.

¹ Mestre em Geografia e Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia-MG (UFU). Técnico em Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Professor de História e Geografia. Contato: carvalhoufu@gmail.com.

Introdução

O desenvolvimento da área central encontra-se relacionado ao quadro de profundas transformações oriundas da industrialização, em destaque no século XIX, afetando o contexto das cidades ocidentais. Com o advento da Revolução Industrial e o desenvolvimento dos transportes, especialmente com as ferrovias, ampliam-se as relações da Área Central, também referida como Distrito Central de Negócios (*Central Business District* em inglês), com a cidade e a sua hinterlândia, baseadas no desenvolvimento tecnológico (RIBEIRO FILHO, 2004; STROHAECKER, 1988).

Ressalva-se que o espaço constitui uma realidade objetiva, isto é, produto social em constante processo de transformação (SANTOS, 2008), sendo preciso avaliar a dinâmica da formação das sociedades industriais para compreendermos o processo de centralização urbana.

Consoante Corrêa (2000), o desenvolvimento do núcleo central associa-se ao próprio desenvolvimento do comércio varejista e, conseqüentemente, do capitalismo, em função de escoadouro da crescente produção industrial, bem como da participação do processo de reprodução social a partir do consumo de produtos por uma população cada vez mais dependente de mercadorias ao invés de seus próprios meios de subsistência.

A área central se destaca por sua força como núcleo de polarização, caracterizada pelo uso mais intensivo do solo, a maior concentração das atividades sociais e econômicas, sobretudo comércios e serviços, sendo área de decisões e predomínio do fluxo de veículos e pessoas durante o dia (CORRÊA, 1997). A concentração das atividades econômicas e dos fluxos urbanos marca a metrópole moderna sob a égide de domínio do capitalismo industrial. É produto da economia de mercado afetada diretamente pela industrialização.

Corrêa (1997) indica diferentes processos espaciais colocados em evidência na segunda metade do século XIX associados à organização espacial através da mediação de um “conjunto de forças que atuam ao longo do tempo e permitem localizações, realocações e permanência das atividades e população sobre o espaço urbano” (CORRÊA, 1997, p. 122).

Dentre tais processos, destacamos a centralização, característica comum na formação da metrópole moderna, produto da economia de mercado levado ao extremo pelo industrialismo. Vale ressaltar que, como pontua Spósito (1991), o centro não necessariamente é o centro geográfico nem o sítio histórico originário da cidade, todavia é a área integradora e dispersora concomitantemente, desempenhando papel crucial nas relações interurbanas e inter-regionais.

No interior da cidade, o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (SPÓSITO, 1991, p. 6).

Nessa perspectiva, associa-se a emergência da Área Central à ampliação das relações entre a cidade e o mundo, sublinhada enfaticamente com advento da Revolução Industrial, enquanto resultante em termos espaciais das diversas transformações e inovações deste período histórico. Nesse sentido, a concentração de atividades constituiu, no século XIX, como destaca Corrêa (1997), uma localização ótima e racional para maximizar lucros e interesses do capital.

Industrialização e polarização

Segundo Lefebvre (2011), o processo de industrialização, sem contestação, é o motor das transformações na sociedade há séculos, sendo indutor de uma série de problemas relativos ao crescimento, planificação e urbanização, caracterizando a sociedade moderna. Como sublinhamos, é com o advento da Revolução Industrial e a ampliação de relações que a centralização se consolida como processo espacial no contexto das cidades ocidentais. A divisão do trabalho, a utilização da força hidráulica e do vapor e, especialmente, a maquinaria são consideradas as três grandes alavancas da indústria, cuja tendência centralizadora, como ressalva Engels (2008), também integram a população e o capital.

Constata-se um duplo processo que compreende um choque violento de realidades: a industrialização e a urbanização, de modo que a generalização da mercadoria pelo primeiro aspecto tende a destruir o segundo, subordinando a realidade urbana dependente do valor de uso. A “industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano preexistente; ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas” (LEFEBVRE, 2011, p. 14).

Como enfatiza Mumford (1991), entre os anos de 1820 e 1900, a destruição e a desordem nas grandes cidades é semelhante ao campo de batalha. Em grau maior ou menor, todas as cidades do mundo ocidental foram marcadas com características arquetípicas de Coketown, revelando o extenso da atividade industrial e da urbanização. Nesta sociedade, o império do tempo útil não deixa espaço algum aos devaneios: as pessoas não vinculadas à produção estão sempre de passagem ou são marginais (BRESCIANI, 2004; MUMFORD, 1991).

As representações da transformação da paisagem nos aproximam também das descrições literárias em alusão às sociedades industriais. Charles Dickens (1854), em *Tempos Difíceis*, denomina-as de Coketown, referindo-se às cidades industriais inglesas, bem como ao carvão, mola propulsora do industrialismo. Émile Zola (1885), em *Germinal*, cria a cidade de Montsou, no norte da França, em alusão àquela importante região mineradora, também uma representação do ambiente em consolidação.

Este cenário de transformação foi notado por Friedrich Engels em sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1845), considerado um estudo pioneiro acerca das cidades industriais e a sua dinâmica estrutural. O autor elenca a cidade de Manchester, coração da revolução industrial, como tipo clássico da moderna cidade industrial, levando em consideração o desenvolvimento da cidade e o seu conhecimento acerca deste espaço, apresentando um panorama geral das condições de vida e trabalho da classe operária.

Ademais, Engels (2008) frisa que, naquele momento, “as condições de vida do proletariado, em sua forma clássica, plena, só existem no Império Britânico, em particular na Inglaterra” (ENGELS, 2008, p. 41). A partir da obra em pauta pretendemos discorrer acerca do processo de industrialização enquanto indutor, como destaca Lefebvre (2011), e a intensificação da urbanização como induzido nessa relação, na medida em que pontuamos o contexto do advento industrial e a gênese da área central.

A fim de visualizarmos o contexto em pauta, contribuições e estudos de diferentes matrizes do conhecimento humano se portam válidas sobre o cenário em transformação, bem como expressões estéticas do período em questão. Além das obras literárias supracitadas, as referências iconográficas são indicadoras do contraste provocado pela indústria. Na gravura seguinte, Edward Goodall (1795-1870), artista inglês, apresenta *Cottonopolis*, uma referência à cidade inglesa de Manchester, às indústrias têxteis e à sua matéria-prima, o algodão (*cotton* em inglês).



Figura 1 – “Cottonopolis” – Edward Goodall, s/d (posterior a 1857). Gravura.²

A referência iconográfica aponta o contraste entre as paisagens rurais e urbanas, com a mescla de elementos de ambos os cenários, embora se preponderem os aspectos urbano-industriais. Notamos ainda elementos como árvores e animais, apesar do destaque proporcionado pela ação das indústrias ao fundo da paisagem. A gravura de Goodall é baseada na pintura *Manchester from Kersal Moor* (1857) de William Wyld.

Engels (2008), situando geograficamente Manchester, refere-se a essa localidade como *mons sacer*, isto é, monte sagrado, denominando assim a colina de Kersall-Moor porque os operários faziam ali suas reuniões, em alusão à expressão latina que designa o lugar onde os plebeus romanos se sublevaram contra os patrícios. “Manchester situa-se no sopé meridional de uma cadeia de montanhas que, partindo de Oldham, corta os vales do Irwell e do Medlock e cujo último cume, o Kersall-Moor, é, ao mesmo tempo, o hipódromo e o *mons sacer* de Manchester” (ENGELS, 2008, p. 87).

Acerca da paisagem em transformação, Tocqueville (2000) contribui com seus relatos de viagens à Inglaterra e à Irlanda, datado de 1835. O escritor assim descreve a paisagem industrial a partir da cidade de Manchester, coadunando com os esboços iconográficos e as análises daquele contexto que apresentamos nesse trabalho.

² Disponível em <<http://www.victorianweb.org/places/cities/manchester/7.html>>. Acesso em 27 out. 2020.

Trinta ou quarenta manufaturas erguem-se no topo das colinas que acabo de descrever. Seus seis andares sobem aos céus, seu imenso muro anuncia de longe a centralização da indústria. Em redor delas foram semeadas como que ao sabor das vontades as miseráveis moradas do pobre. Entre elas estendem-se terrenos incultos, que já não possuem os encantos da natureza campestre, sem apresentar ainda os ornatos das cidades. (...) Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Deste esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge o seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade. Aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem (TOCQUEVILLE, 2000, p. 45; 101).

Ao elencar a cidade de Manchester como tipo clássico da moderna cidade industrial, Engels (2008) abordou a estrutura interna da cidade de forma detalhada, apontando as transformações do centro e dos bairros operários circunvizinhos. No século XIX, considerada o coração da Revolução Industrial, a cidade se constituía como centro comercial polarizador de toda a região metropolitana composta por cidades vinculadas à atividade industrial.

No Lancashire meridional, em particular em Manchester, a indústria britânica tem seu ponto de partida e seu centro; a Bolsa de Manchester é o termômetro do comércio; a moderna técnica de produção alcançou aí sua perfeição. Na indústria algodoeira do South Lancashire, o aproveitamento das forças da natureza, a substituição do trabalho manual pelas máquinas (especialmente o tear mecânico e a *self-actor mule*) e a divisão do trabalho chegaram ao extremo (ENGELS, 2008, p. 84).

Como destacamos, o centro polarizador porta-se como área integradora desempenhando papel crucial nas relações interurbanas e inter-regionais. As cidades que rodeiam Manchester são exclusivamente industriais e realizam transações comerciais com este núcleo dependendo integralmente, sendo maciçamente habitadas por operários, industriais e pequenos negociantes, enquanto Manchester é composta por grandes varejistas. A figura abaixo compreende a cidade e seus arredores, extraído da edição da obra de Engels utilizada nessa pesquisa.

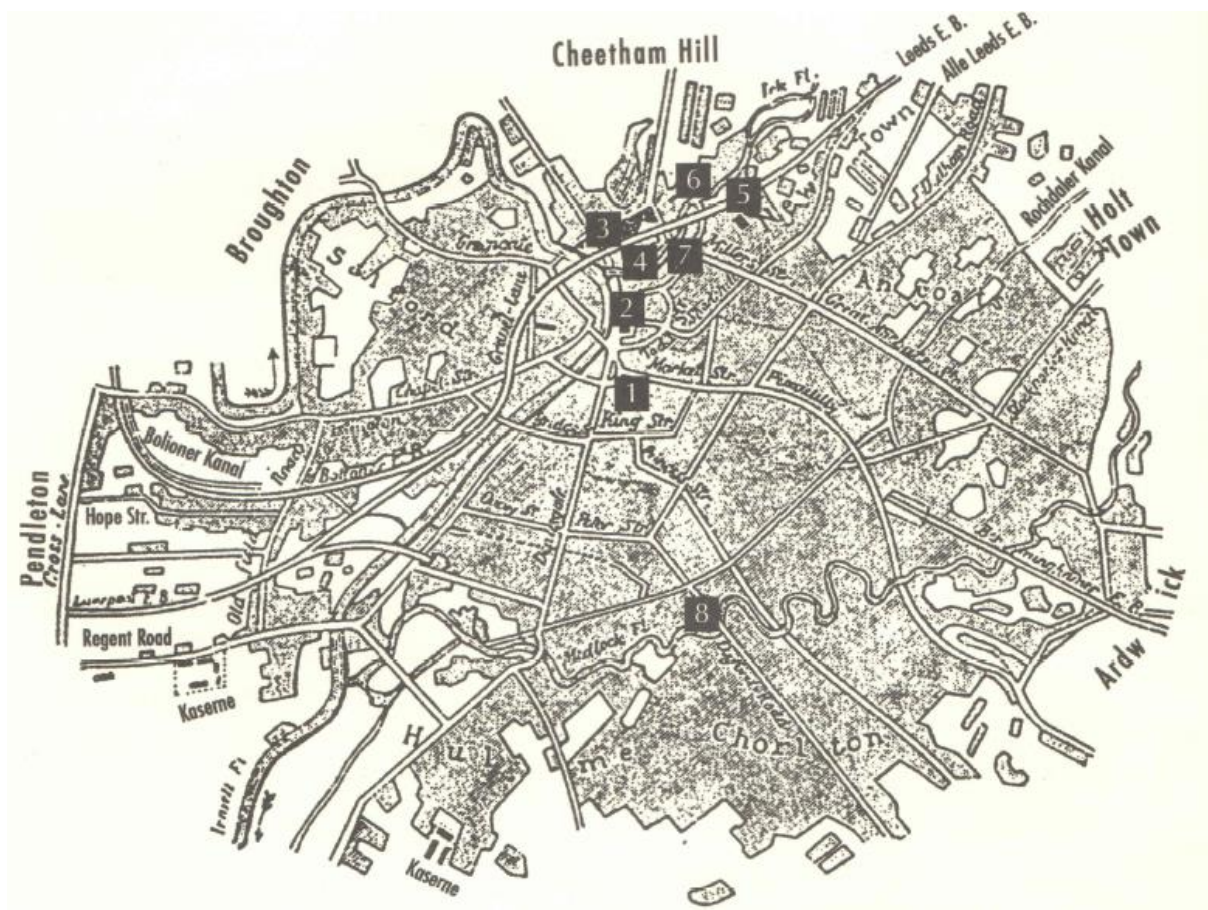


Figura 2 – “Manchester e seus arredores” (ENGELS, 2008, p. 88).

Legendas

1. A Bolsa
2. A igreja velha
3. A casa de trabalho
4. O cemitério dos pobres entre as estações 3 e 4 da ferrovia
5. Igreja de St. Michael
6. Ponte sobre o Irk (Scotland Bridge)
7. Ponte sobre o Irk (Ducie Bridge)
8. “Pequena Irlanda”

Engels (2008) destaca que o centro era praticamente desabitado e composto de escritórios e comércio atacadista, além de cercado por bairros operários caracterizados por uma grande miséria e precárias condições de vida. Com profundo conhecimento e ampla pesquisa de campo, o autor relata a centralidade do bairro comercial e as características do entorno.

Manchester tem, em seu centro, um bairro comercial bastante grande, com cerca de uma milha e meia de comprimento e outro tanto de largura, composto quase exclusivamente por escritórios e armazéns (*warehouses*). Nele praticamente não existem moradias, e, por isso, à noite, fica vazio e deserto – apenas a guarda noturna,

com suas lanternas, circula pelas ruas estritas e sombrias. Nessa zona há algumas ruas grandes, que concentram o tráfego, e o térreo das edificações é ocupado por lojas luxuosas; aí se encontram uns poucos pavimentos superiores habitados e nela reina, até alta noite, uma certa animação. Excetuada essa zona comercial, toda a Manchester propriamente dita (...) não é mais que um único bairro operário que, com uma largura média de uma milha e meia, circunda como um anel a área comercial. A alta e a média burguesia moram fora desse anel (ENGELS, 2008, p. 89).

Outra característica destacada na observação de Engels (2008) diz respeito à peculiaridade da construção urbana em que as principais ruas, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direções, ressaltando a acessibilidade como um dos pontos altos neste processo de centralização, mascarando a realidade de miséria dos bairros operários. “Podemos residir nela durante anos, ou entrar e sair diretamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário – isso se nos limitarmos a cuidar de nossos negócios ou a passear” (ENGELS, 2008, p. 88).

Do ponto de vista da organização espacial é evidente a opção política e administrativa em ofertar maior acessibilidade ao grande centro e ocultar a realidade de extrema miséria social pertinente aos bairros que compõem Manchester. Tem-se o processo de saída das elites da área central, que passam a residir fora do anel em busca de qualidade de vida, num processo espacial conhecido como invasão-sucessão.

Nota-se, consoante Villaça (1998), que o exercício da dominação na disposição urbana reforça os centros como pontos altamente estratégicos, de modo que dominar “o acesso a ele representa não só uma vantagem material concreta, mas também o domínio de toda uma simbologia” (VILLAÇA, 1998, p. 244). Engels (2008, p. 90) resume essa organização interna a uma disposição urbana hipócrita com tamanha sistemacidade em manter a classe operária afastada das ruas principais, escondendo “delicadamente aquilo que possa ofender os olhos ou os nervos da burguesia”.

A alta e média burguesia moram fora desse anel (...) habita vivendas de luxo, ajardinadas, mais longe (...) por onde corre o sadio ar do campo, em grandes e confortáveis casas, servidas, a cada quinze ou trinta minutos, por ônibus que se dirigem ao centro da cidade. A média burguesia vive em ruas boas, mais próximas dos bairros operários (...) O curioso é que esses ricos representantes da aristocracia do dinheiro podem atravessar os bairros operários, utilizando o caminho mais curto para chegar aos seus escritórios no centro da cidade, sem se aperceber que estão cercados, por todos os lados, pela mais sórdida miséria. (...) as principais ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direções, estão ocupadas, dos dois lados, por lojas de pequena e da média burguesias que têm todo o interesse em mantê-las com aspecto limpo e decoroso (ENGELS, 2008, p. 89).

Acerca da formação do proletariado urbano e da transformação interna da estrutura das cidades industriais, é preciso levar em conta o processo de transformação no campo e a

imigração maciça de irlandeses. A marcha daqueles que foram expulsos da zona rural às cidades constituirá a mão-de-obra necessária no processo de desenvolvimento industrial. Polanyi (2000) resume essa transformação em destruição do tecido social, compreendendo uma enorme desarticulação.

Os cercamentos foram chamados de revolução dos ricos contra os pobres. Os senhores e os nobres estavam perturbando a ordem social, destruindo as leis e os costumes tradicionais, às vezes pela violência, às vezes pela pressão e intimidação. Eles literalmente roubavam o pobre na sua parcela de terras comuns, demolindo casas que até então, por força de antigos costumes, os pobres consideravam como suas e de seus herdeiros. O tecido social estava sendo destruído; aldeias abandonadas e ruínas de moradias humanas testemunhavam a ferocidade da revolução, ameaçando as defesas do país, depredando suas cidades, dizimando sua população, transformando seu solo sobrecarregado em poeira, atormentando seu povo e transformando-o de homens e mulheres decentes numa malta de mendigos e ladrões (POLANYI, 2000, p. 53).

A desarticulação social mencionada por Polanyi (2000) se refere às consequências catastróficas advindas de um “progresso miraculoso” nos instrumentos de produção e a animação da filosofia liberal com relação à mudança e a pronta aceitação “mística” do que viria a acontecer com o progresso econômico não-regulado.

Esta desarticulação social será fulminante na desorganização das relações humanas e na ameaça de aniquilamento do *habitat* das pessoas, daí resulta-se também o choque violento de realidades entre a industrialização e a urbanização referido por Lefebvre (2011). Não obstante, o ritmo do crescimento demográfico foi profundamente modificado; transformou-se completamente a paisagem urbana com intensos deslocamentos populacionais. O progresso, numa escala grandiosa, acarretou na devastação sem precedentes das moradias da população, conforme Gustave Doré (1832-1883) representa destacadamente em suas ilustrações.

Notamos na figura seguinte a forte presença da ferrovia, considerada um dos agentes geradores da cidade por Mumford (1991), em conjunto com as minas de carvão e as fábricas. Doré foi um destacado ilustrador francês, com notáveis estudos sobre as áreas pobres de Londres, realizados entre 1869 e 1871. *Over London by Rail*, cujo título é sugestivo a respeito da relevância das ferrovias na constituição do espaço urbano-industrial, apresenta também aspectos relativos à urbanização e habitação, com indicações e reflexos daquela desarticulação social que nos referimos. Em primeiro plano, destacam-se as precárias moradias compostas por cortiços.

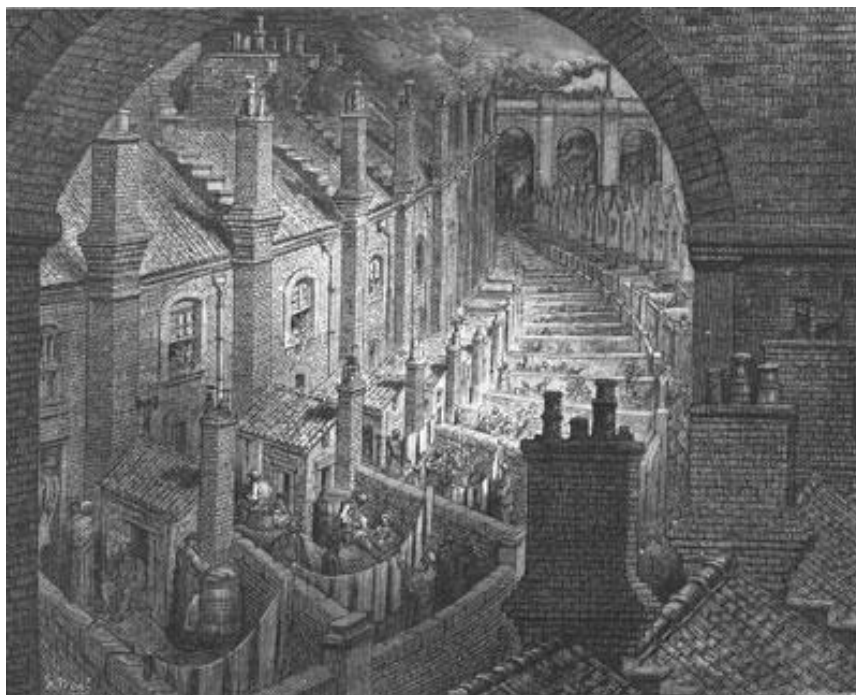


Figura 3 – “Over London by Rail” – Gustave Doré, 1870. Ilustração.³

Infere-se a partir da representação iconográfica a contradição da paisagem urbano-industrial, marcada pela presença de cortiços que evidenciam as precárias condições de habitação e saneamento, bem como, contraditoriamente, a considerada grande marca do progresso simbolizada nas ferrovias. Côrrea (1997) destaca a relevância dos transportes na acessibilidade ao núcleo central como papel crucial nas relações do meio urbano. A localização central associava-se à progressiva acessibilidade que a *core area* desfrutava em função da convergência, constituindo-se foco da concentração de atividades comerciais (CORRÊA, 2000).

A partir da segunda metade do século XIX as ferrovias passaram a desempenhar papel crucial nas relações interurbanas e inter-regionais. A localização dos terminais ferroviários fazia-se o mais próximo possível um do outro, e próximo, onde havia, do terminal marítimo, garantindo assim minimização de deseconomia de transbordo. Próximas a estes terminais vão se localizar aquelas atividades voltadas para o mundo exterior, comércio atacadista e depósitos, indústrias nascentes e em expansão, e serviços auxiliares. (...) A emergente Área Central passou a desfrutar, assim, da máxima acessibilidade dentro do espaço urbano. Esta acessibilidade foi responsável pelos mais elevados valores da terra urbana (...) A concentração de atividades nesta área representa, pois, a maximização de externalidades, seja de acessibilidade, seja de aglomeração (CORRÊA, 1997, p. 123-124).

Nessa perspectiva, a área central adquire a máxima acessibilidade no espaço urbano e, conseqüentemente, os maiores valores da terra urbana, marcada pela aglomeração nessa

³ Disponível em: <http://www.cardiff.ac.uk/encap/skilton/illustr/Dore121.html>. Acesso em 27 out. 2020.

localidade. Ressalta-se um importante processo espacial nessa transformação, isto é, a invasão-sucessão, apontado por Corrêa (1997), também colocado em evidência a partir dos oitocentos, sendo associado principalmente à questão residencial. A invasão compreende a penetração de um grupo diferente de população, enquanto a sucessão ocorre quando o novo grupo que invadiu a zona termina por expulsar o grupo ou uso original que, automaticamente, é deslocado para outras áreas.

(...) no espaço urbano, há bairros que são habitados, durante um certo período de tempo, por uma classe social, e que a partir de um certo momento verifica-se a “invasão” de pessoas de outra classe social, via de regra, de classe inferior àquela que ocupa o bairro. Inicia-se então a saída da população preexistente e a chegada de novo contingente, ou o processo de invasão-sucessão (CORRÊA, 1997, p. 135).

Nesse sentido, considerando a implicação do processo de invasão-sucessão no caráter mutável do conteúdo social das áreas residenciais, como sublinha Corrêa (1997), nas áreas próximas ao centro de negócios percebe-se a deterioração dos imóveis, incitando a saída da população de alta renda. Este cenário cria a possibilidade, aos proprietários, de valorização para venda da residência ou do terreno posteriormente. Enquanto não convém investir nos imóveis, estes passam a ser alugados a uma população de renda inferior interessada na localização central (CORRÊA, 1997). Nesse sentido, podemos retomar a análise de Engels acerca de Manchester, na qual o autor percebe na década de 1840 a transformação da área central da cidade com a formação de um bairro comercial cercado por moradias operárias precárias e a saída de uma população rica às áreas mais afastadas daquele núcleo.

Conforme Strohaecker (1988), esse contexto caracteriza a descentralização, outro processo espacial de relevância no espaço urbano, marcada por três características principais. A produção de residências para a população de alta renda através da criação de novos bairros nos subúrbios ou no setor de amenidades da cidade; a especulação imobiliária – aluguel dos imóveis com mínimo de manutenção para população de baixa renda ávida pelas vantagens da localização central; e a introdução de inovações como estações ferroviárias, indústrias e grandes avenidas prejudiciais à vizinhança residencial das elites.

A invasão-sucessão relativa à questão residencial, portanto, associa-se à descentralização (concernente ao comércio e aos serviços), ponderada pelo crescimento citadino por razões demográficas e espaciais. Com base em Corrêa (1997), a aglomeração central chega ao ponto de constituir deseconomia, notando-se o aumento constante do valor da terra, impostos e aluguéis; congestionamento e alto custo do sistema de transportes e comunicações; dificuldade de obtenção de espaços; restrições legais; ausência de amenidades,

afetando populações de alto *status*. Em contrapartida, podem-se elencar os seguintes fatores de atratividade em zonas afastadas do núcleo como terras não ocupadas a baixos preços e impostos; infraestrutura ampliada; facilidades de transportes; qualidades atrativas do sítio; amenidades físicas e sociais (CORRÊA, 1997).

No processo de invasão-sucessão, tem-se que a concentração de imigrantes nas antigas áreas residenciais deve-se à proximidade ao núcleo central e as possíveis vantagens dessa localização. Todavia, é evidente a péssima qualidade de habitação e de saneamento nessas áreas, de modo que, especialmente na Manchester da Revolução Industrial, “não há vida familiar possível; só podem sentir-se à vontade nessas habitações indivíduos desumanizados, degradados, fisicamente doentios e intelectual e moralmente reduzidos à bestialidade” (ENGELS, 2008, p. 105). O surgimento do proletariado industrial urbano, a partir da liberação de mão de obra do campo e do afluxo de imigrantes atraídos pela expansão dos empregos, destaca Corrêa (1997), expulsou, assim, a burguesia da localidade central urbana. Conforme pontuamos, a partir de Polanyi (2000), este processo representou profunda desarticulação social.

Engels (2008) destaca que o rápido desenvolvimento da indústria britânica fundamentou-se na incorporação de irlandeses, numerosos e pobres, imprescindível nesse processo como reserva, cuja perspectiva era a de encontrar um trabalho seguro e um bom salário. Quase todos se radicaram em áreas industriais, especialmente nas grandes cidades. No mapa supraindicado, o oitavo ponto constitui a “Pequena Irlanda”, local de grande concentração de imigrantes. Em algumas casas centenárias de Manchester, abandonadas pelos primitivos moradores, amontoavam-se milhares de operários oriundos de áreas agrícolas e da Irlanda; “é a indústria que permitiu aos proprietários desses ‘estábulo’ alugá-los a seres humanos por um alto preço” (ENGELS, 2008, p. 100).

Nesse cenário, destaca-se a relevância da incorporação da mão de obra disponível para o desenvolvimento da industrialização, primordial na formação do proletariado urbano, profundamente analisado por Engels (2008), em especial na caracterização do grande centro de Manchester na Inglaterra. A partir da análise, verificamos os processos espaciais relevantes, isto é, a centralidade com a formação de um bairro comercial, em virtude da polarização e da formação do núcleo, bem como a constituição de bairros proletários ao entorno desta área central formando um anel, apresentando o processo de invasão-sucessão e descentralização, no qual as elites buscam amenidades fora da área central. Por fim, constata-se que os impactos desses processos foram diversos, afetando a estrutura urbana e comercial, os valores das terras,

o deslocamento das pessoas, dentre outros, afetando, assim, como sublinha Corrêa (2000), os fixos e os fluxos.

Considerações finais

Com base na reflexão proposta acerca da centralidade urbana, evidenciamos a relevância do processo de industrialização na dinâmica e estruturação das cidades, sobremaneira ocidentais. Conforme pontuamos, o advento da Revolução Industrial e a crescente produção propiciaram o desenvolvimento da área central, marcando fundamentalmente a metrópole moderna. A concentração de atividades caracterizou a localização ótima e racional do capital. Destaca-se ainda que não necessariamente o centro compreende a localização geográfica ou o sítio histórico originário da cidade. Trata-se de uma área integradora que desempenha papel crucial nas relações interurbanas, bem como inter-regionais.

A partir de Engels (2008), elencando-se a cidade de Manchester como modelo clássico de cidade industrial, pontuamos as contribuições deste autor acerca das condições proletárias no âmbito inglês, considerado um trabalho pioneiro acerca da análise da estrutura urbana e da formação de concentrações industriais. Nessa análise, destacamos a formação do bairro centralizador comercial no contexto urbano de Manchester, considerada metrópole polarizadora naquele contexto.

O processo de industrialização trouxe mudanças significativas na estrutura urbana das cidades, implicando em desestruturações e rupturas no sistema urbano preexistente. Além de análises de cunho científico, verifica-se também nas produções artísticas – iconográficas ou literárias – a estetização dessa transformação da paisagem a partir da intensa ação humana. As imagens utilizadas nesse trabalho são bastante reveladoras dos contraditórios que compõem a sociedade em ascensão. Infere-se o contraste entre as paisagens urbana e rural com a forte presença dos altos-fornos das indústrias e das ferrovias, bem como a gritante formação de habitações precárias, revelando a falta de planejamento urbano, com a aglomeração de cortiços.

Ressalva-se que este cenário de inovações jamais teria sido possível sem a ampla mão de obra disponibilizada pelo êxodo rural, a partir dos cercamentos, assim como pela considerável imigração de irlandeses à procura de empregos. O trabalho de Engels (2008) é notório ao destacar, em 1845, aspectos intrínsecos à situação da classe trabalhadora inglesa, em que o autor desvenda o que era praticamente desconhecido até então, ponderando observações minuciosas das dramáticas condições de vida e trabalho do proletariado.

Nessa perspectiva, tomando Manchester como modelo clássico da cidade industrial ocidental, verificamos que o desenvolvimento da área central encontra-se relacionado ao quadro de profundas transformações nos séculos XVIII e XIX, destacando-se processos espaciais como a centralização marcando a transformação da estrutura urbana e comercial das cidades.

Referências

BRESCIANI, M. S. M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 10. reimpr. da 1. ed. de 1982. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARVALHO, R. J. A cidade industrial e o regime paleotécnico. **Ágora Revista Eletrônica**. Cerro Grande: CEEDO, n. 19, p. 111-117, dez. 2014. Disponível em: http://agora.ceedo.com.br/ojs/index.php/AGORA_Revista_Eletronica/article/download/136/166 . Acesso em: 27 out. 2020.

_____. Émile Zola e o naturalismo literário. **Revista Urutágua**. Maringá: DCS/UEM, n. 24, p. 105-118, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/12727> . Acesso em: 27 out. 2020.

_____. Espaço e linguagem: contribuições literárias de *Germinal* no estudo da sociedade industrial. *In: História: Espaços, poder, cultura e sociedade*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, R. L. Comércio e Espaço: uma retrospectiva e algumas questões. **Textos LAGET de Pesquisa e Ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 2, p. 23-33, 2000.

_____. Processos Espaciais e a Cidade. *In: Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 121-143.

DICKENS, C. **Hard Times**. Documento eletrônico (em inglês). 1854. Disponível em: <http://www.literaturecollection.com/a/dickens/hard-times/1>. Acesso em: 27 out. 2020.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2011.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução de Neil R. da Silva. 3. ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel. 2. ed., 14. impr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

RIBEIRO FILHO, V. A área central e sua dinâmica: uma discussão. **Sociedade & Natureza**, v. 16, n. 31, 18 abr. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9197/5661> . Acesso em: 27 out. 2020.

SANTOS, M. Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico. *In: Espaço e Método*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 67-79.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia**, São Paulo: UNESP, n. 10, p. 1-18, 1991.

STROHAECKER, T. M. A zona periférica do centro: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 50, n.4, p. 171-183, 1988.

TOCQUEVILLE, A. de. **Viagens à Inglaterra e à Irlanda**. São Paulo: Imaginário, 2000.

VILLAÇA, F. Os centros principais. *In: Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998, p. 237-309.

ZOLA, É. **Germinal**. Tradução da edição de 1885 por Francisco Bittencourt. São Paulo: Martin Claret, 2007.